

# Constituintes preposicionados, derivação por fase e critérios de interpretação temática

Juanito Ornelas de Avelar

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas  
juanitoavelar@uol.com.br

**Abstract.** *Adopting the minimalist framework (Chomsky 1995, 2000), I analyze semantic and morphosyntactic contrasts involving prepositional constituents within DP verbal complements.*

**Keywords.** *preposition; semantic selection; late insertion; phase.*

**Resumo.** *Adotando pressupostos do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000), analiso contrastes semânticos e morfossintáticos envolvendo constituintes preposicionados no interior de DPs em posição de complemento.*

**Palavras-chave.** *preposições; seleção semântica; inserção tardia; fase.*

## 0. Introdução

Neste artigo, observo modificadores preposicionados dentro de constituintes nominais, como destacado em (1)-(2) a seguir, para discutir contrastes atrelados tanto a requerimentos semânticos demonstrados pelo verbo como à natureza da preposição que encabeça o modificador. Respectivamente em (1a-b) e (2a-b), a seleção semântica de *comer* e *beber* deve recair sobre *bombom* e *cerveja*, alocados no interior do constituinte preposicionado, e não sobre *caixa* e *garrafa*, os núcleos lexicais do DP complemento. Especificamente em (1a), com a modificação do DP sendo feita por um constituinte nucleado por *de*, interpreta-se, adequadamente, que a criança comeu apenas o bombom na caixa, enquanto em (1b), com a presença de um constituinte nucleado por *com*, a interpretação (pragmaticamente inusitada) é de que a criança comeu não só o bombom, mas também a caixa que o continha. Diferentemente, quando a semântica do verbo pode demandar exclusivamente sobre o conteúdo do DP, como no caso de *roubar* em (1c-d), não ocorre o mesmo tipo de contraste envolvendo o uso de *com* ou *de*. As mesmas observações cabem para os casos com *beber* e *quebrar*, indicados em (2).

- (1)
  - a. A criança comeu *uma caixa de bombom*.
  - b. # A criança comeu *uma caixa com bombom*.
  - c. A criança roubou *uma caixa de bombom*.
  - d. A criança roubou *uma caixa com bombom*.
- (2)
  - a. O rapaz bebeu *muitas garrafas de cerveja*.
  - b. # O rapaz bebeu *muitas garrafas com cerveja*.
  - c. O rapaz quebrou *muitas garrafas de cerveja*.
  - d. O rapaz quebrou *muitas garrafas com cerveja*.

Assumindo pressupostos de *Minimalist Inquiries* (Chomsky 2000), bem como a possibilidade de inserção vocabular tardia (Halle & Marantz 1993, Embick & Noyer 2001), vou sugerir que esses contrastes estão relacionados a diferenças no estatuto semântico e morfossintático de constituintes nucleados por *de* e *com* (doravante,

respectivamente sintagma-de e sintagma-com). Em linhas gerais, argumento que um sintagma-*com* é formado numa fase diversa à do DP por ele modificado e, por isso, seu conteúdo se encontra indisponível para satisfazer requerimentos do verbo, num sentido que irei precisar;<sup>1</sup> contrariamente, um sintagma-de deve pertencer à mesma fase do DP, permitindo que seu conteúdo interaja com o predicador verbal.<sup>2</sup>

O estudo vem dividido da seguinte forma: na seção 1, apresento dados para demonstrar que, diferentemente de outras preposições, o item *de* é semanticamente neutro quando no interior de um sintagma nominal; na seção 2, apresento contrastes envolvendo o uso de artigos-demonstrativos em associação a diferentes preposições, discutidos previamente em Raposo 1999; na seção 3, finalmente, exploro o assumido nas duas seções anteriores para propor que contrastes como os destacados em (1)-(2) derivam do estatuto de sintagmas-de e sintagmas-com como domínios formadores de fase.

## 1. O estatuto semanticamente diferenciado da preposição DE

Quando nucleando um modificador do nome, a preposição *de* não demonstra um conteúdo nocional claro, face ao delineamento semântico mais preciso por parte de outras preposições, como observamos em (3)-(6) a seguir. O item *de* pode alternar, dentro de DPs, com formas do tipo *com*, *em*, *p(a)ra* e *sobre* em contextos paralelos. Aparentemente, não se detecta, dentro de cada exemplo, uma mudança de significado, com o papel temático dos participantes da relação intermediada pela preposição sendo mantido independentemente de o item empregado ser *de* ou outro. Notemos que, embora *de* possa ocorrer nos diferentes contextos, as demais preposições não são semanticamente intercambiáveis entre si, o que corrobora a idéia de estarmos frente a uma categoria que não dispõe de um conteúdo semântico pré-determinado.

- (3) a. A empregada passou aquela camiseta **de / com** botão.  
b. Aquele rapaz **de / com** cabelos longos perguntou pela Ana.
- (4) a. Aquele livro **da / na** estante é da Ana.  
b. O leite **da / na** geladeira é pra fazer o bolo.
- (5) a. Roupas **de / p(a)ra** criança custa muito caro.  
b. A viagem **de / p(a)ra** Brasília vai ser antes da viagem **de / p(a)ra** Manaus.
- (6) a. A notícia **do / sobre** o acidente vai ser um choque para a família da vítima.  
b. Aquela história **de / sobre** impeachment parece ser boato da oposição.

Outro fato relevante é a possibilidade de alterarmos a posição dos constituintes nas relações intermediadas por *de*, tal como em (7a-b)-(9a-b) adiante, sem que o papel semântico dos membros da relação seja afetado. Notemos que a relação semântica entre *as praias famosas* e *a cidade* em (7a-b) (bem como entre *aquele bolo* e *(o) fubá* em (8a-b) e *aqueles livros* e *(a) bolsa* em (9a-b)) é preservada, não importando se um ou outro constituinte ocorre externa ou internamente à preposição.<sup>3</sup> Contrariamente, se formas como *com*, *em* ou *p(a)ra* forem empregadas, a posição de cada constituinte precisa ser fixa, sem o quê a construção resultante será inaceitável e/ou produzirá outro significado. Em (7c), por exemplo, *a cidade* ocorre como o argumento interno, e a preposição usada deve ser *em*, e não *com* ou *p(a)ra*, o que certamente está associado ao fato de a condição requerida ser a de que o argumento tenha a interpretação de *localização* ou *todo/continente*. Já se o argumento interno for *as praias famosas*, como em (7d), a

preposição deve ser *com*, de modo a satisfazer o papel de *localizado* ou *parte/conteúdo*. As mesmas observações cabem para os casos em (8)-(9).

- (7) a. *As praias famosas da cidade* vão ficar lotadas no verão.  
b. *A cidade das praias famosas* vai receber muitos turistas no verão.  
c. *As praias famosas \*com/em/\*p(a)ra a cidade* vão ficar lotadas no verão.  
d. *A cidade com/\*em/\*p(a)ra as praias famosas* vai receber muitos turistas.
- (8) a. *Aquele bolo de fubá* ficou gostoso.  
b. *O fubá daquele bolo* estava estragado.  
c. *Aquele bolo com/\*em/\*p(a)ra fubá* ficou gostoso.  
d. *O fubá \*com/em/p(a)ra aquele bolo* estava estragado.
- (9) a. A Ana não consegue carregar *aquela bolsa de livros*.  
b. *Os livros daquela bolsa* são todos da Ana.  
c. A Ana não consegue carregar *aquela bolsa com/\*em/#p(a)ra livros*.  
d. *Os livros \*com/em/#p(a)ra aquela bolsa* são todos da Ana.

Um outro fato que evidencia o vazio semântico da preposição *de* está relacionado ao licenciamento de construções existenciais. É amplamente relatada na literatura a necessidade de essas construções lançarem mão do que se convencionou chamar de *coda* (ver, por exemplo, Milsark 1977), que consiste na combinação de um DP (o complemento do verbo existencial) a um outro constituinte, que pode ser um PP, um AP, um CP relativo ou um VP gerundial, como nos casos abaixo, respectivamente.<sup>4</sup>

- (10) a. Tinha muitas pessoas *na praia*.  
b. Tem poucos convidados *para a festa que a Maria vai dar*.  
b. Tem muitos políticos brasileiros *extremamente populistas*.  
c. Tem muita mulher *que odeia lavar roupa*.  
d. Tinha um homem estranho *olhando para a Maria*.

Uma das explicações mais correntes para a necessidade da coda é a de que o verbo existencial consiste num item semanticamente fraco e, como tal, é incapaz de estabelecer uma relação predicativa eficiente com o seu complemento. O constituinte que se associa ao DP complemento teria então a função de fornecer uma interpretação semântica para o mesmo, de modo a tornar a sentença aceitável no componente conceptual-intencional. Se esta visão estiver correta, a preposição *de*, que demonstra ser semanticamente esvaziada, deverá encontrar restrições para nuclear um constituinte destinado a compor a coda, já que o DP complemento correria o risco de ficar sem interpretação (e, conseqüentemente, a sentença não ser bem formada). De fato, é exatamente isto que tende a ocorrer, como observamos nos casos em (11)-(12) a seguir. Na ausência de qualquer ancoragem contextual, uma sentença existencial com a coda sendo nucleada por *de* é mal formada, enquanto com outras preposições, em geral, não ocorre o mesmo tipo de problema.<sup>5 6</sup>

- (11) a. \* Tem uma calça.  
b. \* Tem uma calça *do* Roberto.  
c. Tem uma calça (*do* Roberto) *com* o Pedro.  
d. Tem uma calça (*do* Roberto) *na* casa do Pedro.  
e. Tem uma calça (*do* Roberto) *para* o Pedro lavar.

- (12) a. \* Tem livros.  
 b. \* Tem livros **da** biblioteca.  
 c. Tem livros (**da** biblioteca) **na** estante.  
 d. Tem livros (**da** biblioteca) **para** deficiente visual.  
 e. Tem livros (**da** biblioteca) **com** mais de dez mil páginas.

Uma outra propriedade esperada dos sintagmas-*de*, diante de seu esvaziamento semântico, diz respeito ao que se pode considerar uma “imprevisibilidade” de significado: se descontextualizada, uma expressão realizada com *de* pode ter vários sentidos. Tomemos como exemplo o caso seguinte:

- (13) *O rapaz do carro* perguntou pela Ana.

Sem qualquer ancoragem contextual, é impossível determinar qual é o significado de *o rapaz do carro*. A expressão pode corresponder, por exemplo, a qualquer uma das destacadas a seguir, o que evidencia ser suficiente o estabelecimento de uma relação qualquer entre *rapaz* e *carro* para que a preposição *de* possa entrar em jogo.

- (14) a. Aquele **rapaz** que tem **carro** perguntou pela Ana.  
 b. Aquele **rapaz** dentro do **carro** perguntou pela Ana.  
 c. O **rapaz** que vende **carro** perguntou pela Ana.  
 d. O **rapaz** que quer comprar o **carro** da Maria perguntou pela Ana.  
 e. O **rapaz** que conserta **carro** perguntou pela Ana.  
 f. O **rapaz** que estava encostado no **carro** perguntou pela Ana.  
 g. O **rapaz** que vive falando de **carro** perguntou pela Ana.  
 h. O **rapaz** que elogiou o **carro** da Maria perguntou pela Ana.  
 i. O **rapaz** que roubou um **carro** perguntou pela Ana.  
 j. O **rapaz** que foi atropelado pelo **carro** da Maria perguntou pela Ana.  
 l. O **rapaz** que trabalhou na propaganda de um **carro** perguntou pela Ana.  
 m. O **rapaz** que adora **carro** perguntou pela Ana.  
 n. O **rapaz** que a Maria sonhou que ele estava no **carro** perguntou pela Ana.

É possível explorar combinações ainda mais inusitadas. Em (15a) a seguir, por exemplo, *o prédio do boi* pode significar um prédio que tem um boi desenhado ou que tem a escultura de um boi na portaria, ou ainda ser referência a um prédio que já tenha sido invadido por um boi, dentre inúmeras outras possibilidades. Da mesma forma, *a camiseta do beijo* pode ser uma camiseta com a figura de duas pessoas se beijando, uma camiseta que tenha sido dada a alguém em troca de um beijo, uma camiseta que tenha sido usada quando se estava beijando alguém, uma camiseta com vários lábios em “posição de beijo” estampados etc. No mesmo caminho, interpretações das mais variadas podem ser fornecidas para *o livro da chuva*, *o CD da confusão*, *a rua do raio* e *a tesoura da novela*, nos casos em (15c)-(15f), respectivamente.

- (15) a. *O prédio do boi* é aquele que fica ali na esquina.  
 b. *A camiseta do beijo* está no guarda-roupa.  
 c. *O livro da chuva* desapareceu.  
 d. *O CD da confusão* ficou na casa da Maria.  
 e. *A rua do raio* é do outro lado da cidade.  
 f. Eu ainda não achei *a tesoura da novela*.

Diante desse conjunto de dados, assumo que *de*, se interno a um DP, integra a estrutura sem qualquer conteúdo semântico prévio (ver Avelar 2004). Sugiro adiante que esta propriedade, frente ao significado pleno das outras preposições, pode estar relacionado aos contrastes envolvendo sintagmas-*de* e sintagmas-*com* aludidos na introdução.<sup>7</sup>

## 2. Requerimentos morfo-fonológicos

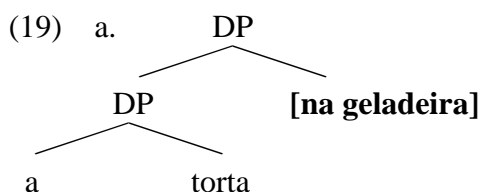
Raposo 1999 discute casos de “sensibilidade morfo-fonológica” envolvendo o emprego de preposições e o uso dos artigos *o(s)*, *a(s)* em função demonstrativa (doravante, artigos-demonstrativos), como nos casos a seguir. Notemos que o artigo-demonstrativo pode ser modificado por sintagmas-*de*, mas não por outros sintagmas preposicionados: a ocorrência do substantivo (*torta*, *bermudão*, *comida*) é obrigatória se estivermos diante de *com*, *p(a)ra* ou *em*, mas não se diante do item *de*. Que se trata de uma restrição atrelada à natureza dos artigos-demonstrativos (*o*)s, (*a*)s, e não de determinantes em geral, fica claro pelos casos em (16c)-(18c): não há, por exemplo, qualquer impedimento à ocorrência do demonstrativo *aquela(a)* diante da elipse do substantivo.

- (16) a. A (*torta*) de limão está dentro da geladeira.  
b. A \*(*torta*) com limão está dentro da geladeira.  
c. Aquela (*torta*) com limão está dentro da geladeira.
- (17) a. O (*bermudão*) da criança já está lavado.  
b. O \*(*bermudão*) p(a)ra a criança já está lavado.  
c. Aquele (*bermudão*) p(a)ra a criança já está lavado.
- (18) a. A (*comida*) da geladeira é para o jantar.  
b. A \*(*comida*) na geladeira é para o jantar.  
c. Aquela (*comida*) na geladeira é para o jantar.

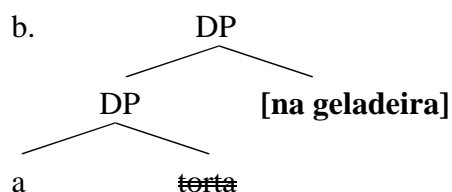
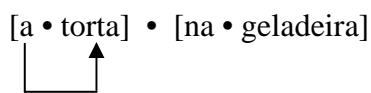
Raposo 1999 interpreta a oposição considerando três fatores: (a) artigos-demonstrativos são fonologicamente dependentes e necessitam de um “hospedeiro”; (b) explorando o modelo de fase, os itens *com*, *em* e *p(a)ra* nucleiam constituintes formados numa fase que não é do DP/NP modificado; e (c) *de* é inserido pós-sintaticamente, a caminho da Forma Fonológica. A conjugação desses fatores permite uma análise como a que segue. Como ilustrado em (19) adiante, o sintagma-*em* (o que vale também para um sintagma-*com*/*p(a)ra*) se encontra com todas as suas matrizes fonológicas linearizadas ao entrar nas dependências do DP, por corresponder a uma fase. Se o constituinte *torta* for realizado, o determinante pode se afixar a ele na morfologia, como indicado em (19a); diferentemente, se *torta* estiver elíptico (digamos, por apagamento durante a linearização), como em (19b), o artigo-demonstrativo ficará sem hospedeiro: o constituinte à direita, por ser uma fase, se fecha para qualquer operação pós-sintática, sendo impossível migrar para seu domínio em busca de apoio morfo-fonológico. A expressão *\*a na geladeira* é mal formada, portanto, pelo fato de requerimentos morfo-fonológicos do artigo-demonstrativo não terem sido satisfeitos.

Diferentemente, tratando *de* como um morfema dissociado (no sentido de que sua inserção é pós-sintática), teríamos a situação em (20). O que vai se adjungir ao DP *a torta*, nesse caso, é outro DP, que traria/receberia Caso inerente genitivo. O DP adjungido também se constituiria como fase, e o morfema correspondente a *de* seria inserido pós-sintaticamente em sua margem. Nas condições apontadas, os elementos do

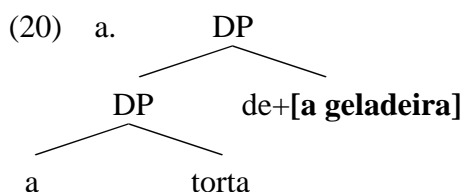
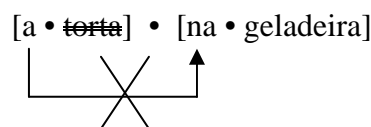
DP *a torta* serão linearizados juntamente com *de*, o que abre espaço para que a matriz fonológica dos termos internos a esse DP e do morfema dissociado interajam na morfologia. O artigo-demonstrativo vai então poder se afixar à preposição, como indicado em (20b): embora tenha entrado na derivação para se associar a uma fase pronta, o item *de* é externo a essa fase e adjacente ao DP na estrutura linearizada, condição que licencia a afixação (para maiores detalhes em torno de operações pós-sintáticas, ver Embick & Noyer 2001).<sup>8</sup>



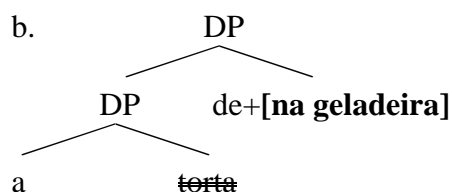
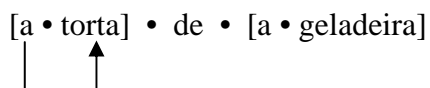
Afixação no componente morfológico:



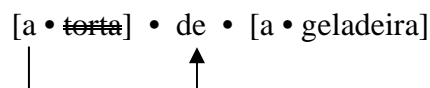
Afixação no componente morfológico:



Afixação no componente morfológico:



Afixação no componente morfológico:



O estabelecimento de uma oposição nestes termos, recorrendo ao ponto em que um determinado item é inserido (se na sintaxe ou na morfologia, a caminho da Forma Fonológica), é interessante não só para capturarmos contrastes morfo-fonológicos, mas também os que dizem respeito às oposições destacadas na seção 1. Podemos explorar a idéia de que o item *de* é semanticamente neutro porque o seu morfema correspondente é inserido pós-sintaticamente, após *Spell-Out* e, portanto, não tem efeito no componente semântico. Lembremos que, na arquitetura da gramática assumida dentro do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000), quaisquer operações efetivadas numa estrutura após ter sido enviada para o componente fonológico não terá efeito no componente semântico (e vice-versa). Portanto, se o item *de* consistir num morfema dissociado, sua inserção não terá reflexos na Forma Lógica, o que contrasta com o observado no uso de outras preposições, cujos morfemas são inseridos já na sintaxe e, por isso, podem ser interpretados no componente semântico.

### 3. Configurações de adjunção e condições de interação semântica

Retornando aos casos apresentados na introdução, vimos que há um contraste no uso de sintagmas-*de* e sintagmas-*com* como adjuntos adnominais, em construções como as que seguem. A questão é a de saber como e/ou por que *bombom/cerveja* pode

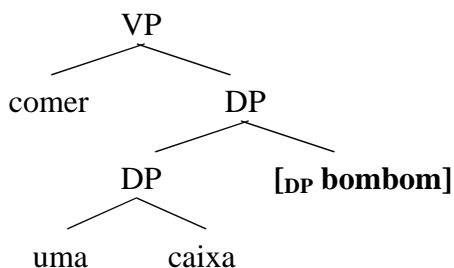
interagir com *comer/beber* quando dentro de um sintagma-de, mas não quando dentro de um sintagma-com.

- (21) a. A criança comeu uma caixa de bombom.  
b. # A criança comeu uma caixa com bombom.

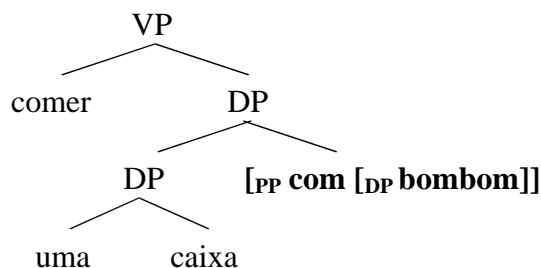
- (22) a. O rapaz bebeu muitas garrafas de cerveja.  
b. # O rapaz bebeu muitas garrafas com cerveja.

Partindo do modelo fixado na seção 2, e considerando as conseqüências de configurações de adjunção para a computação sintática (ver Kato & Nunes 1998, Hornstein, Nunes & Pietroski (em preparação)), podemos encaminhar uma resposta satisfatória. As representações a seguir correspondem às configurações do VP imediatamente após a conexão do verbo ao seu DP complemento. O verbo *comer* terá de encontrar, em seu domínio mínimo, algum elemento que satisfaça seus requerimentos semânticos. Ou seja, no caso em questão, ele precisará interagir semanticamente com *bombom*, e não com *uma caixa*. Notemos que, em ambos em casos, o elemento adjungido se encontra no domínio mínimo de V: o DP adjunto em (23a) e o PP adjunto em (23b) estão apenas contidos, e não dominados, pelo DP complemento; quem os domina, na verdade, é a projeção de V. O verbo *comer*, em termos configuracionais, pode enxergar os adjuntos nos dois casos, mas com uma diferença: por constituir uma fase, o DP interno à preposição em (23b) entra na configuração “já congelado”, sem qualquer meio de interação com o ambiente sintático a ele externo, sendo impossível, portanto, que o verbo interaja com *bombom*; diferentemente, o DP adjunto em (23a) está disponível para interagir com o verbo, que o toma então como o seu complemento semântico.<sup>9</sup>

(23) a.



b.



Lembremos que a configuração de (23a) é a que recebe o morfema dissociado correspondente a *de*, tal como assumido para o caso tratado em (20) na seção anterior. Nesse sentido, o contraste entre *uma caixa de bombom* e *uma caixa com bombom*, no que diz respeito à interação semântica com o verbo, deriva do fato de um sintagma-de, nos componentes sintático e semântico, não corresponder a um constituinte preposicionado, mas a um DP que, adjungido ao argumento interno do verbo, acaba por entrar no domínio mínimo de V. Por sua vez, um sintagma-com (bem como sintagmas-em/p(a)ra) participa da constituição do complemento como um constituinte preposicionado, com sua estrutura interna correspondendo a um elemento já congelado, o que limita o verbo a interagir apenas com o DP *uma caixa*. Conseqüência: em (21b)/(23b), mas não em (21a)/(23a), a única interpretação possível é a de que a criança comeu a caixa com o bombom, e não apenas o bombom; da mesma forma, em (22b), mas não em (22a), a leitura disponível será a de que o rapaz bebeu a garrafa (algo

pragmaticamente não apenas estranho, mas inaceitável, dada a incompatibilidade entre os requerimentos semânticos do verbo *beber* e a natureza não-líquida de uma garrafa).<sup>10</sup>

#### 4. Considerações finais

Em síntese, no quadro que proponho, as razões pelas quais um sintagma-com comporta-se diferentemente de um sintagma-de, quando em função de adjunto adnominal, no “atendimento” a requerimentos semânticos de um verbo, provém de especificidades inerentes à configuração sintática do DP. Se modificado por um sintagma-de, não existe, na configuração sintática, qualquer constituinte preposicionado em jogo: o adjunto adnominal corresponderá, na verdade, a outro DP, que integrará a estrutura numa arquitetura que lhe permite ser enxergado pelo verbo. Diferentemente, sintagmas-com (bem como sintagmas-em/p(a)ra) são constituintes preposicionados legítimos, no sentido de que o item que os nucleia consiste numa categoria que participa da computação sintática. Por formarem uma fase, a estruturação dos verdadeiros sintagmas preposicionados torna impossível o estabelecimento de qualquer relação semântica/temática envolvendo o seu conteúdo interno e o predicador verbal. Se estiver no caminho correto, este quadro formal mostra que o que vem se convencendo chamar de *fase*, nos desdobramentos mais recentes do Programa Minimalista, se abre como um ponto de investigação bastante profícuo para que se explorem, numa abordagem unificada, fatos relativos tanto à interface sintaxe-morfologia como à interface sintaxe-semântica.

#### Notas

(1) Estou assumindo que constituintes preposicionados e, em certas condições, constituintes nominais, constituem-se como fases. Seguindo Chomsky 2000, isso quer dizer que esses constituintes podem ter sua projeção enviada para o componente fonológico tão logo esta esteja formada.

(2) O quadro que proponho é incompatível com abordagens como as de Selkirk 1977 e Castillo 2002, que defendem a existência de duas estruturas internas diferenciadas para constituintes como *uma garrafa de cerveja*, a depender de os requerimentos do verbo recair sobre o conteúdo *cerveja* (como no caso do item *beber*) ou sobre o continente *garrafa* (como com o item *quebrar*).

(3) Sobre construções do mesmo tipo em inglês e espanhol, envolvendo respectivamente as posições *of* e *de*, encaminho o leitor para Uriagereka 2002.

(4) Para maiores detalhes sobre o comportamento da coda existencial no português brasileiro, ver Viotti 1999.

(5) Vale frisar que os casos em (11a-b) e (12a-b) são aceitáveis se realizados sob uma ancoragem contextual. Por exemplo, diante de perguntas como *tem algum caderno por aí?* ou *você tem algum livro que possa me emprestar?*, é possível fornecer respostas como *tem um caderno do Pedro* ou *tem livro da biblioteca*.

(6) Casos com *ser* e *estar* em que constituintes nucleados por *de* funcionam como predicados, como em (i)-(ii) a seguir, poderiam ser usados como contra-argumentos à idéia de que sintagmas-de não dispõem de força predicativa para atuar como predicado.

- |     |  |      |  |
|-----|--|------|--|
| (i) | a. Esse caderno é <i>do Pedro</i> .    | (ii) | a. O Pedro está <i>de carro</i> .            |
|     | b. Esse livro é <i>da biblioteca</i> . |      | b. Os funcionários estão <i>de licença</i> . |



Em Avelar (em preparação), observo tais casos para argumentar que a força predicativa do sintagma preposicionado não provém da preposição *de*. Nas construções com *ser*, um functor capaz de transformar elementos sem força predicativa num predicado constituiria internamente a cópula e licenciaria termos como *do Pedro* e *da biblioteca* como predicados primários (ver também Avelar 2004). Em casos com *estar*, o verdadeiro predicador seria o nome, como *carro* em (iia) e *licença* em (iib), e não a preposição.

(7) Nos termos propostos na seção 2, a abordagem é válida apenas para sintagmas-de em função de adjunto adnominal. Nos casos em que sintagmas-de ocorrem como adjunto adverbial, a preposição demonstra um conteúdo semântico previsível, remetendo geralmente a noções como *fonte*, *origem*, *distanciamento*, e outras afins. Contudo, em Avelar (em preparação), adotando uma abordagem não-lexicalista, argumento ser possível considerar que o *de* semanticamente esvaziado em adjuntos adnominais é o mesmo *de* semanticamente previsível dos adjuntos adverbiais, não havendo necessidade de assumir a existência de duas preposições distintas com matrizes fonológicas idênticas no português.

(8) A contração da preposição *de* ao determinante *a*, obrigatória no português brasileiro nos casos em questão, poderia ser usado como um contra-argumento para o quadro proposto. Afinal, se o DP constitui uma fase, que é “internamente congelada” para efeitos de operação morfo-fonológica, de que forma a preposição *de*, adjacente ao constituinte congelado, porém externa a ele, pode sofrer contração com o artigo interno à fase? A resposta pode estar na existência de diferentes momentos pós-sintáticos, dentro da morfologia, para a aplicação de uma determinada operação morfo-fonológica (ver Embick & Noyer 2001). Nesse sentido, a operação de afixação, por exemplo, que leva o artigo a se apoiar num elemento adjacente, seria efetivada num ponto pós-sintático ainda regido por mecanismos computacionais, sujeito assim a regras da mesma natureza que a das aplicadas no componente estritamente sintático. Para Raposo 1999, em particular, valeria para este ponto uma *Condição de Impenetrabilidade da Fase* mais radical que a estabelecida em Chomsky 2000: em *Minimalist Inquiries*, a condição deve deixar “livre do congelamento” o núcleo da fase, elemento que, para Raposo, já deve estar completamente congelado no caminho para PF. O artigo-demonstrativo pode então se afixar a um elemento “grudado” à fase na morfologia, alocado externamente, mas não a elementos internos à fase (presentes em seu interior desde a sintaxe), ainda que na margem da mesma. Por sua vez, diferentemente da afixação, a contração da preposição ao artigo seria efetivada num ponto do componente fonológico em que a *Condição de Impenetrabilidade da Fase* não seria mais válida, bastando que se estabeleça uma adjacência simples entre dois elementos para que a contração se implemente. Este seria o caso da formação de *da* a partir de **de+[a geladeira]**.

(9) Em (23a), mesmo sendo uma fase, o conteúdo do DP pode interagir com o verbo, porque o seu núcleo, a categoria D (foneticamente nula), se encontra na margem da fase e, em tal condição, pode ter suas propriedades acessadas para operações requeridas na fase posterior (a fase em que V vai se encontrar). Diferentemente, no caso em (23b), o elemento na margem é a preposição, que, apesar de poder ser enxergada na fase posterior, não codifica propriedades que interessem ao verbo *comer*.

(10) Se tanto o DP modificado como o constituinte modificador ocorrer com um artigo, a leitura será estranha, mesmo com um sintagma-de, como vemos em (i)-(ii) a seguir.

Esses casos são, num primeiro momento, um desafio para a análise. Em Avelar (em andamento), venho explorando especificidades atreladas à natureza do artigo para enquadrar tais casos no modelo. Ainda não está claro, contudo, que aspectos do determinante estariam bloqueando a interpretação requerida.

(i) # O Pedro comeu a caixa do bombom. (ii) # O rapaz bebeu a garrafa da cerveja.

## Referências

AVELAR, Juanito. Dinâmicas morfossintáticas com *ter*, *ser* e *estar* no português brasileiro. 2004. 254 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Gramática) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas / São Paulo.

\_\_\_\_\_. Adjuntos locativos no português brasileiro. Em preparação. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo.

CASTILLO, Juan. *The syntax of container-content relations in Spanish*. 2002. (manuscrito)

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, Robert, MICHAEL, David & URIAGEREKA, Juan. *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

EMBICK, David & NOYER, Rolf. Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 32. p. 555-595. 2001.

HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth & KEYSER, Samuel Jay. *The View from Building 20*. Cambridge: The MIT Press, 1993. p. 111-176.

HORNSTEIN, Norbert, NUNES, Jairo & PIETROSKI, Paul. *Some thoughts on adjunction*. (em preparação).

KATO, Mary & NUNES, Jairo. *Adjunction configurations and structural ambiguity*. 1998. (manuscrito).

MILSARK, Gary. Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. *Linguistic Analysis*, 3. 1977.

URIAGEREKA, Juan. From being to having. In: URIAGEREKA, Juan. *Derivations*. London/New York: Routledge, 2002.

RAPOSO, Eduardo. *Towards a minimalist account of nominal anaphora*. 1999. (manuscrito)

SELKIRK, Elisabeth. Some remarks on noun phrase structure. In: CULICOVER, Peter, WASOW, Thomas & AKMAJIAN, Adrian. *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 285-316.

VIOTTI, Evani. 1999. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. 1999. Tese de Doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.